

## Índice

1. Mexericos	7
2. O Primeiro Casamento	19
3. Tentativas Artísticas	27
4. Lições Literárias	39
5. Experiências Domésticas	47
6. Visitas	63
7. Consequências	77
8. A Nossa Correspondente Estrangeira	91
9. Questões Delicadas	103
10. O Diário de Jo	117
11. Amigo	131
12. Desgosto	147
13. O Segredo de Beth	159
14. Novas Impressões	165
15. Na Prateleira	177
16. Laurence, o Preguiçoso	191
17. O Vale da Sombra	207
18. Aprender a Esquecer	215
19. Completamente Sozinha	229
20. Surpresas	239
21. Meu Senhor e Minha Senhora	257
22. Daisy e Demi	263
23. Debaixo do Guarda-Chuva	271
24. Tempo de Colheita	287
Notas de Tradução	299

## Mexericos

De maneira a começarmos de novo e irmos ao casamento da Meg com a mente aberta, será boa ideia abordarmos alguns mexericos sobre os March. E aqui permitam-me que vos diga que, caso alguma das pessoas mais velhas considere que há demasiado «namoriscar» nesta história, o que receio que aconteça (embora duvide que os jovens façam tal objeção), faço minhas as palavras da senhora March: «O que é que se *pode* esperar, quando tenho quatro raparigas alegres em casa e um jovem vizinho muito bem-parecido do outro lado da rua?»

Os três anos que entretanto passaram trouxeram poucas mudanças à pacata família. A guerra chegou ao fim e o senhor March regressou à segurança do lar, entretido com os seus livros e com a pequena paróquia que nele encontrou um pastor por vocação e vontade. Um homem reservado e estudioso, rico em sabedoria, o que é melhor do que a instrução, essa benevolência que trata toda a humanidade por «irmão», a devoção que se transforma em caráter, tornando-o nobre e encantador.

Esses atributos, não obstante a pobreza e uma integridade rigorosa o terem privado dos sucessos mais mundanos, atraíram para ele muitas pessoas admiráveis, com a mesma naturalidade com que as abelhas são atraídas por plantas doces, e ele retribuiu com a mesma espontaneidade, dando-lhes esse mel no qual cinquenta anos de experiências duras não tinham destilado uma única gota de amargura. Jovens fervorosos consideravam o erudito de cabelo grisalho tão jovem de espírito como eles, mulheres pensativas ou em aflição procuravam-no instintivamente para verem esclarecidas as suas dúvidas, certas de ne-

le encontrarem a mais amável compreensão e o mais sábio conselho. Pecadores confessavam os seus pecados a esse homem mais velho e de coração puro, e eram repreendidos e salvos. Homens dotados encontravam nele um companheiro. Homens ambiciosos vislumbravam nele ambições mais nobres do que as deles e mesmo as pessoas mais sofisticadas admitiam que as convicções dele eram belas e genuínas, ainda que «não compensassem a longo prazo».

Aos olhos das pessoas de fora, as cinco mulheres muito ativas pareciam governar a casa e a verdade era que levavam a cabo imensas tarefas. Todavia, o homem reservado sentado entre os seus livros continuava a ser o chefe de família, a consciência, âncora e consolo do lar, pois era a ele que as cinco mulheres ocupadas e ansiosas recorriam nos momentos de aperto, tendo nele, no sentido mais autêntico dessas palavras sagradas, marido e pai.

As raparigas entregavam o coração aos cuidados da mãe — e a alma aos do pai, e a ambos, que viviam e labutavam tão fielmente em prol delas, dedicavam um amor que cresceu com elas e que os ligava ternamente nessa doce união que abençoa a vida e sobrevive à morte.

A senhora March continua tão cheia de energia e alegria, ainda que muito mais grisalha, como da última vez que a vimos e agora está tão entretida com os assuntos de Meg que com toda a certeza os hospitais e os lares, ainda cheios de «rapazes» feridos e de viúvas de soldados, sentem a falta das visitas dessa maternal missionária.

John Brooke cumpriu corajosamente o seu dever durante um ano, foi ferido e enviado para casa, sem autorização para regressar. Não recebeu quaisquer insígnias ou condecorações, embora as merecesse, pois arriscou alegremente tudo o que tinha, e a vida e o amor são bens preciosos quando ambos estão em pleno desenvolvimento. Resignado com a sua dispensa, dedicou-se à recuperação física, preparando-se para o mundo dos negócios e para construir um lar para Meg. Com o bom senso e a independência firme que o caracterizavam, recusou as ofertas mais generosas do senhor Laurence e aceitou uma posição como guarda-livros, preferindo começar com um salário ganho de forma honesta do que correr riscos com dinheiros emprestados.

Meg passara esse tempo à espera e também a trabalhar, amadurecendo como mulher, dominando as artes domésticas e tornando-se mais bonita do que nunca, pois o amor é um excelente elixir de beleza. Tinha as ambições e esperanças típicas de uma jovem, pelo que

se sentia um pouco desiludida com a forma humilde como a sua nova vida teria de começar. Ned Moffat acabara de casar com Sallie Gardiner, e Meg não conseguia evitar estabelecer comparações entre as suas coisas e a bela casa, a carruagem, o vestido de noiva e os inúmeros presentes de casamento do casal, desejando intimamente poder igualá-los. Todavia, a sua inveja e o seu descontentamento depressa se dissiparam quando pensou no amor paciente e no trabalho que John dedicara à pequena casa que a esperava, e quando se sentavam juntos ao anoitecer, conversando sobre os seus pequenos planos, o futuro tornava-se sempre tão belo e promissor que ela esquecia todo o esplendor de Sally e sentia-se a rapariga mais rica e feliz do mundo cristão.

Jo nunca regressou a casa da tia March, pois a velha senhora afeiçoara-se de tal maneira a Amy que a subornara com a oferta de lições de desenho com um dos melhores professores do momento e, em troca dessa oportunidade, Amy teria servido até a mais dura patroa. Como tal, dedicava as manhãs ao dever e as tardes ao prazer, progredindo de forma excelente. Entretanto, Jo dedicou-se à literatura e a Beth, que continuava frágil muito depois de a febre lhe ter passado. Não era propriamente uma inválida, mas não mais voltara a ser a criatura saudável e rosada de outrora, embora continuasse a ser uma rapariga esperançosa, feliz e serena, entretida com as pequenas tarefas que tanto adorava, amiga de toda a gente e um anjo na casa, muito antes de aqueles que mais a amavam se terem apercebido desse facto.

Enquanto o jornal *The Spread Eagle* continuasse a pagar-lhe um dólar por coluna pelas suas «porcarias», como ela lhes chamava, Jo sentia-se uma mulher de posses e criava os seus pequenos romances com diligência. Porém, grandes planos fermentavam no seu cérebro sempre ocupado e na sua mente ambiciosa, e o velho fogão de lata nas águas-furtadas continha uma pilha cada vez maior de manuscritos cheios de borrões de tinta e que um dia colocariam o nome March nos anais da fama.

Laurie, tendo regressado à universidade para agradar ao avô, agora fazia o curso com a maior das facilidades, mas por si próprio. Favorito de toda a gente por causa do seu dinheiro, modos, enorme talento e o mais generoso dos corações, que se metia sempre em sarilhos por tentar ajudar os outros a sair dos deles, corria o risco enorme de ficar mimado, e talvez tivesse ficado, como muitos rapazes pro-

missores, se não possuísse um talismã contra o mal na memória do simpático idoso ligado ao seu sucesso, a amiga maternal que zelava por ele como se fosse um filho e por último, mas não menos importante, a perfeita noção de que quatro raparigas inocentes o adoravam, admiravam e acreditavam nele do fundo dos seus corações.

Sendo apenas «um glorioso rapaz humano», é claro que ele se divertia e namoriscava, tornando-se um dândi<sup>1</sup>, um praticante de desportos aquáticos, um sentimental, ou um ginasta conforme ditavam as modas universitárias, praxou e foi praxado, falou calão e em mais do que uma ocasião esteve perigosamente perto de uma suspensão ou expulsão. Mas uma vez que essas brincadeiras eram motivadas pela boa disposição e pelo gosto pela diversão, salvava-se sempre com uma confissão franca, uma expiação honrosa ou a irresistível capacidade de persuasão que possuía na perfeição. Aliás, orgulhava-se muito dessas suas escapadelas mesmo à justa e gostava de encantar as raparigas com relatos pormenorizados dos seus triunfos sobre tutores enfurecidos, professores circunspetos e inimigos derrotados. Os «homens do meu curso» eram heróis aos olhos das raparigas, que nunca se cansavam das peripécias dos «nossos companheiros» e eram frequentemente autorizadas a deleitar-se com os sorrisos desses grandiosos seres, sempre que Laurie os trazia para casa.

Amy era quem mais desfrutava dessa enorme honra e tornou-se uma beldade entre eles, pois sua senhoria cedo reconheceu e aprendeu a utilizar o dom do fascínio com o qual fora abençoada. Meg estava demasiado absorta no seu John reservado e particular para se interessar por quaisquer outros senhores da criação e Beth era demasiado tímida para fazer algo mais do que espreitá-los, interrogando-se sobre o atrevimento de Amy ao dar-lhes ordens, ao passo que Jo se sentia no seu elemento e por isso tinha muita dificuldade em conter-se para não imitar os maneirismos, as frases e os feitos cavalheirescos, que lhe pareciam mais naturais do que o decoro exigido às jovens senhoras. Todos eles gostavam imenso de Jo, mas nunca se apaixonavam por ela, embora poucos escapassem sem prestarem o tributo de um ou outro suspiro sentimental diante do altar de Amy. E, por falar em sentimentos, eis-nos naturalmente chegados ao «Pombal».

Era esse o nome da pequena casa castanha que o senhor Brooke preparara para ser o primeiro lar de Meg. Fora assim batizada por Laurie, que a julgava muito adequada aos amáveis apaixonados que «combinavam como um casal de rolas, primeiro com uma bicada e

depois com um arrulho». Tratava-se de uma casa pequena, com um jardim igualmente pequeno nas traseiras e um relvado do tamanho de um lenço de assoar na parte da frente. Aí Meg tencionava ter uma fonte, arbustos e uma fartura de bonitas flores, ainda que de momento a fonte estivesse representada por um vaso desgastado pelo tempo, fazendo lembrar uma delapidada bacia de despejo; os arbustos consistindo numa série de larícios jovens, indecisos entre a vida e a morte; e a fartura de flores não passava de fileiras de paus indicando os pontos onde as sementes tinham sido plantadas. Contudo, no interior, a casa era encantadora e a feliz noiva não lhe encontrou um único defeito, desde a cave às águas-furtadas. Na verdade, a entrada era tão estreita que era uma sorte o casal não ter um piano, pois tal instrumento jamais caberia inteiro. A sala de jantar era tão pequena que mal cabiam seis pessoas e as escadas da cozinha pareciam ter sido construídas com o único propósito de precipitar criados e louça de porcelana direitos ao caixote do carvão. Mas, depois de eles se acostumarem a esses pequenos defeitos, nada podia ser mais completo, pois o bom senso e o bom gosto tinham ditado a escolha do mobiliário e o resultado era altamente satisfatório. Não havia mesas com tampo em mármore, espelhos altos ou cortinados de renda na pequena saleta, mas sim mobiliário simples, imensos livros, um ou dois quadros bonitos, uma mesinha com flores junto à janela saliente e, espalhados por toda a parte, os bonitos presentes que tinham vindo de mãos amigas e eram ainda mais belos pelas mensagens carinhosas que continham.

Não me parece que a escultura de Psique, proveniente de Paros e oferecida por Laurie, tenha perdido a beleza por ter sido Brooke a instalar o suporte onde se encontrava; ou que qualquer decorador pudesse ter pendurado os cortinados de musselina simples de uma forma mais graciosa do que a mão artística de Amy; ou que alguma despensa pudesse estar mais bem apetrechada de votos de felicidade, palavras de alegria e esperanças felizes do que aquela onde Jo e a mãe guardaram as poucas caixas, barris e trouxas de Meg; e tenho a certeza absoluta de que a nova e minúscula cozinha *jamais* teria ficado tão acolhedora se Hannah não tivesse arrumado cada tacho e panela repetidas vezes e preparado o lume para ser aceso assim que «a menina Brooke chegasse a casa». Também duvido que alguma jovem recém-casada tenha tido um início de vida com tamanha quantidade de panos do pó, pegas e sacos de pano — pois Beth fez suficientes para durarem até às bodas de prata e inventou três tipos

diferentes de panos da louça para utilização exclusiva com o serviço de porcelana do casal.

As pessoas que mandam fazer todas estas coisas nunca sabem o que perdem, pois as tarefas domésticas tornam-se mais belas quando levadas a cabo por mãos carinhosas, e Meg encontrou tantas provas disso que tudo no seu pequeno ninho, desde o rolo da massa da cozinha à jarra de prata em cima da mesa da saleta, exprimia amor ao lar e uma carinhosa planificação.

Como eles se tinham divertido a planear juntos; que incríveis idas às compras, que erros engraçados cometeram e quantas gargalhadas se fizeram ouvir por causa das ridículas pechinchas de Laurie! De tanto gostar de piadas, esse jovem cavalheiro, ainda que quase a concluir os estudos universitários, continuava a ser um rapazinho. O seu mais recente capricho consistia em trazer consigo, nas suas visitas semanais, um objeto novo, útil e engenhoso para a jovem dona de casa. Hoje um saco de incríveis molas da roupa; amanhã um maravilhoso ralador de noz-moscada, que se desmontou da primeira vez em que foi utilizado; um produto para limpar facas que estragou todas as facas da casa; ou uma máquina de varrer que arrancava o algodão das alcatifas, mas que deixava a sujidade; um sabonete que arrancava a pele das mãos; colas infalíveis que somente colavam fortemente os dedos do iludido comprador; e todo o tipo de latoaria, desde um mealheiro para moedas pequenas a um maravilhoso escaudador de lavandaria que lavava as peças em vapor e que parecia correr o risco de explodir a cada utilização.

Meg suplicou-lhe que parasse, mas em vão. John ria-se dele e Jo chamava-lhe «senhor Adeusinho». Estava obcecado com a ideia de apoiar a criatividade ianque e ver a casa dos amigos devidamente equipada. Como tal, todas as semanas havia uma coisa absurda nova.

Por fim tudo ficou pronto, a ponto de Amy ter arranjado sabonetes de cores específicas para condizerem com cada divisão da casa e Beth ter posto a mesa para a primeira refeição.

— Estás satisfeita? Parece-te um lar e sentes que irás ser feliz aqui? — perguntou-lhe a senhora March, enquanto ela e a filha inspecionavam o novo reino de braço dado, nesse momento parecendo mais ternamente unidas do que nunca.

— Sim, mãe, completamente satisfeita graças a todos vocês e *tão* feliz que nem consigo falar — respondeu-lhe Meg, com um olhar que valia por mil palavras.